

**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS MACEIÓ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

IARA FERREIRA DE SOUZA

**“COMO NÃO DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS?”: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INCLUSIVAS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO**

**MACEIÓ/AL
2023**

IARA FERREIRA DE SOUZA

“COMO NÃO DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS?”: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INCLUSIVAS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. James Washington Alves dos Santos

MACEIÓ/AL
2023



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

371.9
S729c

Souza, Iara Ferreira de.

“Como não deixar ninguém para trás? : práticas pedagógicas inclusivas no ensino médio integrado / Iara Ferreira de Souza. - Maceió, 2023.
50 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. James Washington dos Santos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Alagoas, EAD/UAB, Polo Maceió. Maceió, 2023.

Arquivo no formato digital em PDF do trabalho acadêmico.

1. Práticas pedagógicas. 2. Inclusão. 3. Sociologia. 4. NAPNE. 5. Necessidades específicas. I. Título.

IARA FERREIRA DE SOUZA


“COMO NÃO DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS?”: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INCLUSIVAS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Alagoas, campus Maceió, como requisito para obtenção do grau de Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica.


Orientador: Prof. Dr. James Washington Alves dos Santos

Aprovado(a) em: 09/10/2023. Conceito obtido: 10,0


AVALIADORES (AS)

Documento assinado digitalmente
 JAMES WASHINGTON ALVES DOS SANTOS
Data: 27/10/2023 12:15:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. James Washington Alves dos Santos - Orientador
Instituto Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente
 PRISCILA DE OLIVEIRA ROMCY
Data: 28/10/2023 00:38:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr. Priscila de Oliveira Romcy - Prof. Avaliador 1
Instituto Federal de Alagoas

Documento assinado digitalmente
 WALKER ARAUJO ATAIDE
Data: 30/10/2023 17:51:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Msc. Walker Araújo Ataide - Prof. Avaliador 2
Instituto Federal de Alagoas

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória é coletiva. Eu não teria chegado até aqui se não fossem as pessoas que permeiam a minha vida, é a elas a quem agradeço e dedico este trabalho. Agradeço às mulheres da minha família, minhas tias Ester Viegas e Marilene Ferreira pelo incentivo constante. Também agradeço à minha irmã, Maria Beatriz, e à minha mãe, Zilma Ferreira pelo incentivo e socorro nos momentos de angústia. Agradeço a João Bosco, meu pai, pela torcida. Agradeço aos meus colegas de trabalho no Instituto Federal de Alagoas – Campus Maragogi, especialmente à Priscilla Romcy, Danielle Smilay, Adrielle Soares e Thayná Fontan pelas conversas, risadas e por fazerem a minha estadia em Maragogi/AL mais leve. Agradeço à Ana Luiza e Bárbara Karoline, amigas mais chegadas que uma irmã, pela amizade e acolhimento. Também sou grata pela presença da Julia Minossi, da Denise de Oliveira e da Jéssica Cavalcanti nessa caminhada, pois são elas as profissionais que têm me ajudando a manter minha mente sã num corpo sã. Agradeço ao professor James Washington pela orientação e compreensão. Por último, mas não menos importante, agradeço aos meus alunos e alunas do IFAL - Campus Maragogi por me instigarem a ser uma professora melhor.

RESUMO

O presente trabalho versa sobre práticas pedagógicas inclusivas implementadas nas aulas de Sociologia nos 2º anos dos cursos de Ensino Médio Integrado de Hospedagem e Agroecologia do Instituto Federal de Alagoas – Campus Maragogi. A intervenção foi realizada entre os meses de maio e junho de 2023 e seu objetivo envolveu a aplicação de estratégias pedagógicas que atendessem as necessidades dos alunos amparados pelo Núcleo de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE). As adaptações e estratégias utilizadas foram de pequeno porte, amparadas na elaboração e escolha de materiais pedagógicos e na possibilidade de os alunos escolherem as opções de entrega das atividades. Concluiu que as estratégias didáticas aplicadas na intervenção foram inclusivas, mas sem ser discriminatórias e que a inclusão começa no planejamento das aulas, sendo a avaliação uma espécie de culminância no processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas. Inclusão. Sociologia. NAPNE. Necessidades Específicas.

ABSTRACT

The present work deals with inclusive pedagogical practices implemented in Sociology classes in the 2nd years of the Integrated High School Courses on Housing and Agroecology at the Federal Institute of Alagoas – Campus Maragogi. The intervention was carried out between May and June 2023 and its objective involved the application of pedagogical strategies that met the needs of students supported by the Nucleus for Assistance to People with Specific Needs (NAPNE). The adaptations and strategies used were small, supported by the elaboration and choice of pedagogical materials and the possibility for students to choose the options for delivering the activities. I conclude that the teaching strategies applied in the intervention were inclusive, but without being discriminatory and that inclusion begins when the teacher plans the lessons and the evaluation is end of the process.

Keywords: Pedagogical Practices. Inclusion. Sociology. NAPNE. Special needs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Slides compartilhados no 1º dia de aula	19
Figura 2 – Dinâmica das cores	20
Figura 3 – Livros didáticos	20
Figura 4 – Dinâmica das cores	21
Figura 5 – Instrumentos de avaliação	21
Figura 6 – Livro Sociologia para Jovens do Século XXI	22
Figura 7 – Livro Sociologia para Jovens do Século XXI	23
Figura 8 – Vídeo do Canal Guia Sociológico	24
Figura 9 – Slides sobre etnocentrismo de I a III	25
Figura 10 – Slides sobre etnocentrismo de IV a VI	26
Figura 11– Slides sobre etnocentrismo de VII a IX	27
Figura 12– Slides sobre etnocentrismo de X a XII	28
Figura 13 - Livro Sociologia para Jovens do Século XXI	30
Figura 14 – Slides sobre interculturalidade I e II.....	31
Figura 15 – Slides sobre interculturalidade III e IV	32
Figura 16 – Atividade de fixação do estudante Ravi	33
Figura 17 – Atividade de fixação da estudante Nora	35
Figura 18 – Atividades sobre intolerância religiosa	37
Figura 19 – Atividades sobre intolerância religiosa	37
Figura 20 – Atividades sobre intolerância religiosa	38
Figura 21 – Atividades sobre intolerância religiosa	38
Figura 22 – Atividade sobre preconceitos que surgem de estereótipos	39
Figura 23 – Atividade sobre preconceitos que surgem de estereótipos	39
Figura 24 - Atividade sobre preconceitos que surgem de estereótipos	40
Figura 25 – Redação sobre um agricultor convencional e o agroecológico.....	42
Figura 26 – Carimbos pedagógicos	44

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. QUEM SÃO OS (AS) ALUNOS (AS) COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS: ADAPTAÇÕES E ESTRATÉGIAS	9
2.1 O que é O NAPNE e quem são os alunos com necessidades específicas?	10
2.2 Adaptações e estratégias.....	14
3.“COMO NÃO DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS?”	18
3.1. Sala de aula invertida: material didático disponibilizado.....	18
3.2. Adaptações de pequeno porte na atividade de fixação: texto ou desenho, eis a questão ..	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50

1. INTRODUÇÃO

Questionamentos relacionados à didática rodeiam a mente dos pesquisadores em educação, ainda mais se nesse percurso eles atuarem enquanto docentes. Perguntas como: será que tenho didática? A minha didática é boa? Como construir conhecimento ao invés de apenas transmiti-lo? Que estratégias metodológicas utilizar? Como construir aulas em que o estudante seja parte ativa no processo de ensino-aprendizagem? Como avaliar? Fazem parte da rotina docente.

Todos esses questionamentos motivaram essa pesquisa sobre metodologias ativas e como aplicá-las. Aprender sobre novas estratégias metodológicas é sair da zona de estabilidade para pensar sobre novas formas de ensinar e aprender. Durante minha experiência com instrutora de curso de Agente de informações turísticas em 2022, comecei a pensar em estratégias para que o processo de aprendizagem não fosse limitado ao uso do papel e da caneta, mas também equipamentos como: telefone, computador, além do próprio corpo, surgindo a partir disso processos mais dinâmicos que incluíam: encenações, projetos, jogos, vídeos, músicas, fotografias etc. Mas foi em setembro de 2022 que novos desafios vieram à tona.

Ao começar a atuar como professora substituta de Sociologia no Instituto Federal de Alagoas – Campus Maragogi, dificuldades e questionamentos começaram a surgir e a partir deles surgiu o presente trabalho de intervenção. Ao entrar no Campus, o Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), solicitou a realização de atividades avaliativas adaptadas para três alunos que eram acompanhados pelo núcleo: um com laudo médico de deficiência intelectual e outros dois com a hipótese levantada de alguma dificuldade no aprendizado.

Dois desses alunos já concluíram o ensino médio integrado e outro ficou retido no 2º ano. Ao final do ano letivo de 2022, me questionei: será que as adaptações realizadas foram suficientes? Será que esses alunos foram realmente alcançados? Houve aprendizagem? “Como não deixar ninguém para trás?”. Esta última pergunta me deixou reflexiva. Com isso percebi que a minha prática pedagógica deveria ser mais inclusiva. Que eu deveria me dedicar a pensar em alternativas pedagógicas para os meus alunos e alunas a partir da minha prática enquanto professora.

Desse modo, o objetivo geral do presente trabalho é aplicar estratégias pedagógicas que atendam às necessidades específicas dos alunos. Já os objetivos específicos são identificar os

estudantes atendidos pelo NAPNE e suas necessidades; verificar junto ao NAPNE quais adaptações são necessárias; registrar as atividades através de fotografias; descrever as aulas ministradas.

Em termos de espaço de intervenção, esta foi feita nos 2º anos dos Cursos Técnicos Integrados de Hospedagem e Agroecologia do Instituto Federal de Alagoas – Campus Maragogi, especificamente na disciplina de Sociologia entre os meses de abril e maio de 2023. Essas turmas foram escolhidas por serem aquelas com uma quantidade expressiva de alunos com necessidades específicas, sendo algumas delas: TDAH, dificuldade de memorização, aprendizagem, comunicação e socialização. Somadas, as turmas de Agroecologia e Hospedagem possuem cerca de 61 e 59 alunos, respectivamente. Desse universo, 6 estudantes de Agroecologia possuem necessidades específicas, enquanto no curso de hospedagem são 4.

O curso citado entra na categoria de cursos de Ensino Médio Integrado (EMI) que propõem a articulação entre a formação para a vida e para o mercado de trabalho. Tal modalidade surgiu para atender as demandas existentes nos setores de produção econômica. O desenvolvimento da ciência e tecnologia acaba demandando uma formação do trabalhador que integra conhecimentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos (KUENZER, 2006). Desse modo, são ofertadas as disciplinas propedêuticas do Ensino Médio Regular e as relacionadas ao curso Técnico Profissionalizante.

No caso do IFAL-Campus Maragogi, as disciplinas técnicas estão relacionadas às áreas de Turismo e Agronomia. No geral, os alunos cursam em média de 18 disciplinas por ano (Quadro geral das disciplinas no anexo). O Ensino Médio Integrado foi pensado como uma formação que garante ao sujeito a formação básica e a formação profissional. Ao analisarmos a sociogênese dessa educação profissional no Brasil, Marise Ramos (2008), aponta para um tipo de oferta que integra conhecimentos gerais e específicos e a construção do conhecimento pela mediação do trabalho, da ciência e da cultura, separando a intelectualidade dirigente da intelectualidade dirigida ou funcional.

Em termos operacionais e metodológicos esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma pesquisa-ação, estratégia utilizada por professores para melhora do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Segundo David Tripp (2005), não se sabe ao certo o criador da pesquisa-ação, apenas que ao longo dos anos surgiram experiências que receberam tal nomenclatura. Segundo o autor o termo é genérico e serve para descrever “qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo

da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (TRIPP, 2005, p. 445).

A definição do referido autor é levemente diferente da formulação genérica, pois a pesquisa-ação é: “uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 447). O acréscimo das “técnicas de pesquisas avançadas” se deu, por muitos pesquisadores tratarem-na como não sendo rigorosa o suficiente para o desenvolvimento de pesquisas. Essa metodologia foi escolhida pela possibilidade de se alterar o que está sendo pesquisado a partir da prática, pela melhor compreensão da prática e seu aprimoramento enquanto a investigação vai sendo construída.

Os dados construídos durante a pesquisa foram registrados num caderno de campo, principalmente as descrições da aplicação das aulas e atividades. A intervenção ocorreu em 4 aulas presenciais e foram abordados dois momentos extraclasse: o conselho consultivo e a reunião de pais (a título de procedimentos de acompanhamento pedagógico. A primeira aula teve como objetivo apresentar a professora e o conteúdo que seria trabalhado em sala no 2º bimestre. Na segunda, foi utilizada como estratégia didática a sala de aula invertida e o conteúdo trabalhado foi sobre Etnocentrismo. Na terceira foi realizada uma atividade de fixação adaptada e, após a repercussão desta 3ª aula, a última consistiu numa roda de conversa.

Em linhas gerais, este trabalho, para além de sua Introdução e Considerações Finais está estruturado em duas seções (capítulos). A primeira delas é: “Quem são os alunos com necessidades específicas? Adaptações e estratégias. Nesta seção apontamos a definição de inclusão e as estratégias dentro do ambiente escolar e principalmente, definimos quais são os agentes promotores deste processo, os próprios alunos tendo os docentes como mediadores. Já na segunda seção, intitulada: “Como não deixar ninguém para trás”, trabalharemos melhor as metodologias utilizadas num contexto de adaptações e estratégias de ensino e aprendizagem para a matéria de Sociologia.

2. QUEM SÃO OS (AS) ALUNOS (AS) COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS: ADAPTAÇÕES E ESTRATÉGIAS

Em sua pesquisa sobre educação especial, Aline Silva (2010) aponta que a inclusão social é um fenômeno complexo e é consequência da luta de grupos minoritários que lutaram pela equiparação de direitos em todas as áreas da vida. Essa movimentação se traduziu no âmbito da educação, na luta pela inclusão escolar, cujo principal objetivo é a construção de uma escola que atenda às necessidades específicas de cada aluno.

Rossita Carvalho (2008) aponta que o termo "necessidades educacionais especiais", refere-se às necessidades que se originam por causa de deficiências ou dificuldades. Já a educação especial é regulamentada no Brasil pela Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, neste caso a legislação entende a educação especial como a “modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996). Desse modo, cabe à rede de ensino pública assegurar currículos, métodos e técnicas que atendam às necessidades desses alunos.

Dentro da educação especial temos a noção de educação inclusiva, portanto, esta tem como princípio fundamental que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Segundo Elsa Shimazaki (2015, p. 6), “a inclusão determina que todos os alunos façam parte do mesmo contexto escolar, participando das mesmas atividades comuns, embora adaptadas para atender às diferenças individuais”.

Ao falar sobre a história da educação especial a autora aponta que pessoas com necessidades específicas (altas habilidades, deficiência física motora, visual, auditiva e mental), sempre existiram, mas a ideia de respeito e inclusão só passou a existir por volta de 1990. Ela explica que na Antiguidade as pessoas com deficiência e idosos em diversos grupos sociais e étnicos eram menosprezados ou eliminados. Já no início da Idade Média (considerada como um período de exclusão), estas pessoas eram isoladas em instituições como orfanatos, manicômios e prisões, eles não recebiam qualquer tipo de atendimento educacional. Elas possuíam um atributo considerado depreciativo pela sociedade, ou seja, elas eram estigmatizadas pela sua condição (GOFFMAN, 2017).

No período renascentista (século XV- XVI) surgiram intelectuais interessados em questões relacionadas às deficiências de natureza física e mental. No livro “História da Loucura na Idade Clássica, Foucault (2005) faz uma análise sobre as diversas motivações para o internamento e a loucura aparece como sendo a principal delas. É só na transição do século XVIII para o XIX que teremos o início da chamada Educação Especial, ainda que de forma maneira segregadora. Assim começaram a surgir instituições de caráter assistencialista que ajudavam pessoas com deficiência e seus familiares. Mais tarde inauguram-se escolas específicas que buscavam através de métodos científicos o melhor tratamento, método de ensino e avaliação.

Os princípios que norteiam a educação especial expressam a importância de uma educação inclusiva e integrada, pois quando observamos o histórico de como as pessoas com deficiência foram tratadas, começamos a entender os avanços atuais, tais como:

- O princípio da normalização, que consiste em oferecer as mesmas condições e oportunidades às pessoas com deficiência;
- O princípio da integração, que consiste em estabelecer condições que facilitem a participação e o respeito aos direitos de pessoas com deficiência, trabalhando a aceitação desta dentro do grupo no qual se insere;
- O princípio da individualização, que significa atender as necessidades de cada um e respeitar seu ritmo e suas características.

Desse modo a inclusão na educação é importante para que todos os alunos tenham a chance de aprender e desenvolver-se, dentro das suas possibilidades, estando inseridos de forma plena no âmbito escolar. É importante que mesmo diante das diferenças e dificuldades, os alunos possam aprender juntos. Essa seria, portanto, a definição de inclusão escolar. O NAPNE é aquele que facilita a inclusão de alunos com necessidades específicas dentro dos Institutos Federais (IFs). Nos subtópicos a seguir serão abordados os objetivos do NAPNE, a identificação das necessidades específicas dos estudantes dos 2º anos e, por último, sobre os tipos de adaptação.

2.1 O que é O NAPNE e quem são os alunos com necessidades específicas?

Além de fomentar a implementação de Políticas de Educação Inclusiva, estão entre os objetivos do NAPNE: mediar e facilitar processos de inclusão e a busca pela “quebra de barreiras arquitetônicas, educacionais, comunicacionais e atitudinais dentro da instituição” (RESOLUÇÃO 45/2014). Carvalho e Viana (2017), ao falarem sobre o processo de implantação do NAPNE no Instituto Federal de Alagoas – Campus Murici, apontam que ele surgiu em meio a um conjunto de políticas de inclusão do governo federal voltadas para a educação profissional e tecnológica.

O Programa de Educação, Tecnologia e Profissionalização para Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (TEC NEP) foi aquele que permitiu o surgimento do NAPNE como núcleo responsável pela inclusão e estabelecimento da cidadania dos alunos com necessidades específicas nos Institutos Federais. O programa foi instituído nos anos 2000 e estava vinculado à Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, seu objetivo era criar estratégias para a inserção e permanência de alunos com necessidades educacionais especiais.

A Resolução nº 45/CS de 22 de dezembro de 2014 é aquela que inaugura e regulamenta as ações do NAPNE. O documento aponta que devem ser consideradas pessoas com necessidades específicas aquelas cujas necessidades educacionais existem em função de deficiências, superdotação e transtornos de aprendizagem ou de desenvolvimento. São aqueles enfrentam algum tipo de barreira no processo de aprendizagem e interação na escola.

Algumas das competências do NAPNE que merecem ser citadas no presente trabalho são: fomentar políticas de acesso, promover capacitações para os servidores, auxiliar os professores na adequação do currículo e processos avaliativos, prestar orientação aos pais e responsáveis, além de encaminhar os alunos aos serviços de acompanhamento especializados quando necessário.

Estão inclusos no grupo de alunos com transtornos gerais de desenvolvimento, pessoas que estão no espectro autista e psicoses. Os superdotados são aqueles que têm um potencial elevado em uma ou mais áreas. Outros transtornos são: dislexia, que é caracterizada pela dificuldade de decodificar códigos escritos, comprometendo a capacidade de fluência na leitura e na escrita; disortografia, que consiste na dificuldade em fixar normas ortográficas, situação que pode apresentar-se na inclusão ou omissão de letras na escrita das palavras; disgrafia, quando a pessoa tem dificuldades na escrita, na forma de uma caligrafia difícil de ler;

discalculia, dificuldade no raciocínio matemático; transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, que se apresenta como falta de atenção, inquietação e impulsividade.

Mas como os alunos com necessidades específicas são identificados? A resolução aponta que eles podem ser identificados no ato da matrícula, por professores, por técnicos ou quando o próprio aluno procura núcleo. O IFAL - Campus Maragogi entende que, identificada alguma necessidade específica, suportada por laudo médico ou não, o aluno tem direito a avaliações adaptadas.

Detectada alguma dificuldade, os alunos passam por uma avaliação com o psicopedagogo da instituição. A depender do caso eles recebem um encaminhamento para que procurem especialistas e recebam o tratamento adequado dentro e fora do ambiente escolar. As possibilidades levantadas pelo NAPNE no Campus Maragogi são: TDAH, dislexia, gagueira, discalculia, pessoa monocular, autismo, hiperfoco, dificuldades com leitura, escrita, memorização, aprendizagem, comunicação e socialização.

Como dito anteriormente, a intervenção foi aplicada nas turmas de 2º ano dos cursos de Agroecologia e Hospedagem. Elas foram escolhidas, pois dentre as 10 turmas que ensinei no ano letivo de 2023, essas foram aquelas com uma quantidade expressiva de alunos com necessidades específicas. A maior parte desses alunos foi identificada por professores e técnicos ou os próprios alunos procuraram atendimento no núcleo.

Gostaria de acrescentar alguns alunos que eram alunos tímidos e aparentemente desinteressados em sala de aula, pois, à medida que as aulas foram passando, fui sendo surpreendida pelo desempenho deles. Segue abaixo o quadro 1 especificando as necessidades específicas de alunos atendidos pelo NAPNE e aqueles em que professores chamaram a atenção no conselho consultivo.

Quadro 1 – Alunos com necessidades específicas nos cursos de Agroecologia e Hospedagem¹

Nome	Necessidades Específicas
Eva	Necessidade Específica: Foco, Atenção, Concentração e Memória
Olívia	Comunicação, Socialização e Comportamento.
Aurora	Pessoa Monocular.
Ravi	Foco, atenção, concentração e memórias e sensibilidade auditiva (TDAH).
Benício	Hiperfoco – Suspeita levantada no conselho.
Nora	Dificuldade com leitura, escrita, memorização e aprendizagem.
Rael	Memória.
Apolo	Comunicação, socialização e comportamento.
Lia	Comunicação e socialização - Suspeita levantada no conselho.
Benjamin	Dificuldade com leitura, escrita e memorização (TDAH).

Fonte: a autora

No conselho de classe realizado em junho de 2023, o NAPNE informou que os alunos já tinham sido identificados com alguma necessidade específica e os professores também foram verbalizando suas suspeitas. Algo que também foi comunicado pelo NAPNE foi a resistência de alguns alunos em procurar ajuda especializada e receber as atividades adaptadas.

Aurora e Nora alunas que têm essa dificuldade em aceitar suas necessidades específicas, bem como qualquer adaptação. Ravi tem TDAH e faz acompanhamento na APAE em Maragogi e a dificuldade de concentração é perceptível, pois em pouco mais de 2 minutos de explicação individual o olhar dele divaga. Já Nora tem uma dificuldade na leitura e na escrita.

Benício é hiper focado e isso chamou a atenção de alguns professores, contudo é participativo e faz as atividades propostas. Rael participa das aulas, mas ele esquece o conteúdo e os prazos, foi um dos alunos que precisei falar várias vezes sobre as atividades avaliativas e os prazos. Apolo e Lia são tímidos, não falam e por vezes, se recusam a participar das discussões e responder às atividades em sala.

¹ Para proteger a identidade dos alunos foram criados nomes fictícios.

Benjamin é extremamente participativo em sala, faz as atividades e pergunta quando tem dúvidas, ele não apresentou dificuldades em sala de aula. Eva ficou retida no 2º ano e parou de frequentar as aulas. Insisti para que a aluna voltasse a assistir às aulas, visto que a suspeita de TDAH não era uma sentença, mas a possível causa de suas dificuldades. Saber o nome das barreiras nos ajuda a procurar por estratégias para lidar com elas.

Olivia não interage com os colegas de sala. No primeiro dia de aula de Sociologia, ela dormiu por pelo menos 20 minutos e ao acordar, isolou-se num cantinho. Ao ser procurado, seu pai explicou que já havia começado a investigar a condição da filha e a hipótese de autismo já havia sido descartada pelos médicos.

Ao analisar a literatura sobre educação inclusiva, Camila Nunes e Francisca Lustosa (2018, p. 9) apontam que muitos sistemas educacionais são mais inclusivos e possuem práticas que são segregadas, visto que “acabam favorecendo a distribuição de alunos por faixas ou níveis em termos de desempenho escolares, portanto, isso significa dizer que acabam funcionando como classes especiais sem a denominação do rótulo”.

No conselho consultivo realizado em maio de 2023, a coordenação do NAPNE expressou a dificuldade que alguns alunos tinham em lidar com as hipóteses de diagnóstico e frequentar as atividades desenvolvidas pelo núcleo. Além disso, esse comportamento levava a uma resistência dos alunos em aceitar que suas atividades fossem adaptadas, foi com essa informação em mente que coloquei em prática as adaptações e estratégias que serão descritas nos próximos capítulos na tentativa de incluir sem identificar os estudantes em sala.

2.2 Adaptações e estratégias

Cada pessoa possui características específicas, no campo da educação, isso pode se refletir no modo de aprender. Cada aluno (a) tem suas peculiaridades e necessidades específicas e é com vistas a alcançar a todos(as) que as redes de ensino se propõem a realizar adaptações de grande e pequeno porte. Ao falar sobre as necessidades específicas ou especiais, a cartilha do Projeto Escola Viva (2000b, p. 9) aponta que: “as necessidades especiais revelam que tipos de estratégias diferentes das usuais são necessárias para permitir que todos os alunos, inclusive as pessoas com deficiência, participem integralmente das oportunidades educacionais”.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais² (PCN), o termo “necessidades educacionais especiais” refere-se às necessidades que cada indivíduo possui, seja por elevada aptidão ou dificuldade de aprender, que pode estar relacionada, ou não, a algum tipo de deficiência. O objetivo das adaptações do currículo não é focar nas possíveis deficiências dos indivíduos, mas sim, no que o sistema educacional pode fazer por eles. No PCN, as adaptações são definidas como:

[...] possibilidades educacionais de atuar frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos. Pressupõem que se realize a adaptação do currículo regular, quando necessário, para torná-lo apropriado às peculiaridades dos alunos com necessidades especiais. Não um novo currículo, mas um currículo dinâmico, alterável, passível de ampliação, para que atenda realmente a todos os educandos. Nessas circunstâncias, as adaptações curriculares implicam a planificação pedagógica e as ações docentes fundamentadas em critérios que definem o que o aluno deve aprender; como e quando aprender; que formas de organização do ensino são mais eficientes para o processo de aprendizagem; como e quando avaliar o aluno (BRASIL, 1998, p.33).

As Adaptações Curriculares de Grande de Porte compreendem mudanças que envolvem questões de política, administrativa, financeira e burocrática, são ações de ordem política-administrativa de órgãos de administração da educação pública. Alguns exemplos são: modificações físicas e estruturais, aquisição de equipamentos e recursos específicos e a formação continuada dos professores etc.

As Adaptações Curriculares de Pequeno de Porte são aquelas realizadas pelo(a) professor(a) em sala de aula, elas não exigem autorização e não dependem de instâncias superiores para serem realizadas. A cartilha do Projeto Escola Viva (BRASIL, 2000a) aponta que as adaptações de pequeno porte podem ser implementadas no acesso ao currículo, nos objetivos, conteúdos e métodos de ensino, avaliação e temporalidade.

Ou seja, todos esses elementos são construídos e/ou adaptados de acordo com a necessidade específica de cada aluno (a), seja ela física ou cognitiva. Outros ajustes que podem ser realizados pelo professor segundo a cartilha (BRASIL, 2000a) envolve criar condições para

² Monique Franco (2000) faz uma crítica contundente às adaptações descritas no PCN. Segundo ela, a proposta elaborada neste documento continua caracterizando a pessoa com deficiência como aquela que precisa se adaptar a um currículo previamente selecionado. Segundo a autora, apesar de falar sobre a importância da pluralidade, as ações propostas colocam os alunos com necessidades específicas como indivíduos que precisam ser reabilitados. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23851>

a participação do aluno, seja na reorganização da sala, no favorecimento da comunicação, na adaptação do material e na eliminação do sentimento de menos valia ou fracasso.

Na pesquisa sobre práticas pedagógicas adaptadas é extremamente comum encontrar estratégias para alunos que estão em processo de alfabetização ou no ensino fundamental. Kellyane Cesar et. al. (2020), por exemplo, sugerem recursos didáticos adaptados para o conteúdo sobre plantas e animais na disciplina de Ciências no Ensino Fundamental. Foram criados a roleta dos animais e um painel de identificação das partes das plantas.

Normalmente o lúdico é utilizado com parte da estratégia de ensino para alunos do Nível Fundamental. E no ensino Médio Integrado, como adaptar? Silvia Falvo (2018) aponta um caminho a ser trilhado ao fazer um levantamento bibliográfico sobre a importância das adaptações do currículo para atender a demanda por uma educação inclusiva. A autora aponta que algumas estratégias metodológicas que podem ser utilizadas são:

1. Metodologias de aprendizagem cooperativas;
2. Atividades com diferentes graus de dificuldade e com várias possibilidades de execução;
3. Aulas lúdicas e mais visuais;
4. Aulas com um número maior de repetições;
5. Possibilitar que os (as) alunos (as) possam escolher entre várias atividades e decidam como as realizarão;
6. Liberdade de escolher e utilizar materiais variados;
7. Utilizar diferentes instrumentos de avaliação, para os(as) alunos(as) expressarem o seu aprendizado de formas diferentes;
8. Organizar o espaço da sala de aula.

Como dito anteriormente, alguns estudantes têm dificuldade em aceitar as atividades adaptadas. Para que tais alunos não fossem constrangidos, tentei criar uma estratégia que fosse inclusiva, mas sem fazer distinção. A intenção era evitar questionamentos como: “por que a minha atividade é diferente do resto da turma?” ou “Por que a atividade dele é diferente da nossa?” Desse modo a adaptação adotada foi no campo da avaliação, cada aluno(a) pôde

escolher entre dois formatos de entrega na atividade de fixação e na atividade avaliativa³. Além disso, houve momentos de reorganização da sala e as cadeiras foram postas num círculo para estimular a comunicação.

Uma das adaptações realizadas por Roseli Domingues (2016) em sua pesquisa sobre adaptações nas atividades de língua inglesa foi a adoção de tirinhas, cartuns e poemas ao invés de textos longos. Uma de suas alunas era deficiente intelectual. Inspirada pelo trabalho da autora, também utilizei tirinhas e histórias em quadrinhos como parte do material de estudo, bem como nas atividades. Essa foi a maneira de tornar o conteúdo mais visual e fácil de lembrar.

Também conversei com o psicopedagogo do Campus Maragogi sobre os alunos que eram atendidos pelo NAPNE e os casos que foram apontados dentro conselho consultivo. Nesse mesmo encontro compartilhei com Geovanni Ferreira a proposta de atividades adaptadas e ele me orientou sobre como as necessidades dos alunos e como os materiais de estudo deveriam ser mais curtos.

Naiane Silva e Beatriz Carvalho (2017), ao analisarem a literatura sobre educação inclusiva, apontam que as adequações apontadas pela maior parte dos estudos consistem na inclusão ou exclusão de determinados conteúdos ou na estrutura curricular da disciplina. Um exemplo disso é a disciplina de Educação Física. Em relação às atividades pedagógicas, segundo as autoras, a literatura aponta para a adequação ou a utilização de atividades alternativas, bem como o uso de tecnologias assistivas⁴. Outros recursos listados pelas autoras é o uso da fala como incentivador das atividades em trabalhos grupais para propiciar a cooperação entre os alunos. As autoras também apontam para a importância de conhecer a personalidade dos alunos, pois proporciona a criação de atividades mais adequadas e alinhadas com as necessidades de cada um.

³ Nesse processo, também levei em consideração as minhas necessidades específicas naquele momento. O período da intervenção coincidiu com o início de um tratamento medicamentoso que tinha uma série de efeitos colaterais que dificultavam a realização de algumas atividades. A letargia, dores de cabeça e as alterações na visão dificultaram a minha capacidade de leitura e concentração e, conseqüentemente, no processo de pesquisa para a construção do material didático e das aulas.

⁴ São exemplos: engrossadores para o uso de lápis e computadores adaptados.

3. “COMO NÃO DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS?”

“Como não deixar ninguém para trás?” Esse foi um questionamento feito numa das provas da disciplina Educação Inclusiva do curso de Especialização em Docência para Educação Profissional e Tecnológica que me marcou profundamente, resultando no presente trabalho de intervenção. A princípio, o objetivo do trabalho era analisar apenas o momento de avaliação, todavia, percebi que o processo de adaptação começa desde o planejamento das aulas e que a avaliação é a culminância de todo procedimento.

O meu primeiro contato com os alunos se deu no dia 26 de abril 2023, até então a disciplina vinha sendo ministrada por outra docente⁵. A intervenção foi dividida em 4 aulas e dois momentos extraclasse que, a princípio, não faziam parte da pesquisa, mas que foram importantes na identificação dos alunos e no conhecimento do histórico e situação familiar desses alunos, são eles: o conselho consultivo e a reunião de pais.

Os conteúdos abordados durante esses 4 momentos foram Etnocentrismo e Interculturalidade, temáticas que conversam entre si e desdobram temáticas como preconceito e racismo. No geral, as adaptações consistiram em: materiais de estudo menores, vídeos curtos, slides curtos com charges e imagens. Em relação às atividades de fixação e avaliativas, os alunos tiveram a oportunidade de escolher o formato de entrega: texto escrito ou história em quadrinhos.

3.1. Sala de aula invertida: material didático disponibilizado

Na primeira aula realizei uma dinâmica quebra-gelo. Em todas as turmas, solicitei que os alunos me ajudassem a organizar as cadeiras num círculo para que eu pudesse fazer a dinâmica, me apresentar e explicar como seria o andamento da disciplina. Apesar dos alunos já estarem no 2º bimestre, aquele foi o nosso primeiro encontro, então conversei com eles sobre a minha formação e experiências profissionais. A seguir a figura 1 mostra os slides compartilhados com os alunos nesse primeiro momento de encontro.

⁵O campus Maragogi está funcionando com dois calendários letivos. Enquanto as 8 turmas (3º e 4º anos) estavam terminando o ano letivo de 2022 em março de 2023, a outra docente de Sociologia do campus ficou responsável pelas turmas que estavam com o calendário sem atrasos. A redistribuição foi feita em abril quando as aulas retornaram.

Figura 1 – Slides compartilhados no 1º dia de aula

Conteúdo e cronograma

Mai	Junho
Etnocentrismo	Evolucionismo Cultural
Consequências do Etnocentrismo	Estátuos
Interculturalidade	Evolucionismo e Neocolonialismo
Atividade avaliativa	Atividade avaliativa
Recuperação Semestral	

Escolha uma cor

Meu nome é	Meu nome é	Meu nome é	Meu nome é	Meu nome é
Meu série favorita	Uma profissão	Música que gosto	Música estilo favorito é	Um filme/vídeo que gosto de
Quando crescer quero ser	Quando crescer quero ser	Quando crescer quero ser	Quando crescer quero ser	Quando crescer quero ser

Material Didático

Contatos

E-mail: ifs14@aluno.ifsul.edu.br

Exemplos de atividades realizadas no Curso de Agentes de Informação Turísticas (2022)

- AVALIAÇÕES ORAIS
- QUIZ
- ENVIADOS
- MAPPAMENTOS
- ENCAMIÃO
- SEMINÁRIOS
- PRODUÇÃO DE TEXTO
- FOTOGRAFIA
- PODCAST
- DEBATE

Fonte: a autora.

Findado o primeiro momento de apresentação, fiz a dinâmica das cores, que basicamente consiste em escolher uma cor para responder a algumas perguntas relacionadas a séries, músicas, livros e escolhas profissionais. Também perguntei quais conteúdos de Sociologia haviam sido estudados até aquele momento e do que eles lembravam. Na aula também conversei com os alunos que estratégia didática seria a da sala de aula invertida.

Após isso, conversamos sobre os conteúdos que iríamos estudar durante os meses de maio e junho de 2023, sobre a estratégia de ensino que seria a sala de aula invertida, bem como os métodos de avaliação que normalmente utilizo. Basicamente a aula foi dividida em 3 blocos e, a depender da turma, houve momentos para que as alunas e os alunos tirassem suas dúvidas. A figura 2, a seguir, mostra o slide da dinâmica das cores é o que foi utilizado na dinâmica; a figura 3 terceiro contém imagens dos manuais de sociologia que costumamos utilizar nas aulas.

Figura 2 – Dinâmica das cores

Escolha
uma cor

Meu nome é _____	Meu nome é _____	Meu nome é _____	Meu nome é _____	Meu nome é _____
Minha série favorita _____	Livro predileto _____	Músicas que detesto _____	Minha música favorita é _____	Nas horas vagas eu gosto de _____
Quando crescer quero ser _____	Quando crescer quero ser _____	Quando crescer quero ser _____	Quando crescer quero ser _____	Quando crescer quero ser _____

Fonte: a autora.

Figura 3 – Livros didáticos

Material
Didático



Fonte: a autora.

Na figura 4 há um cronograma bem simples que mostra os conteúdos e atividades dos meses de maio e junho. Expliquei para os alunos que o conteúdo programático do 2º ano estava voltado para questões culturais, desse modo, entraríamos em discussões do território da Antropologia, uma das áreas das Ciências Sociais. A figura 5 corresponde ao 5 slide, nele mostra as atividades avaliativas que realizei em outras experiências como docente.

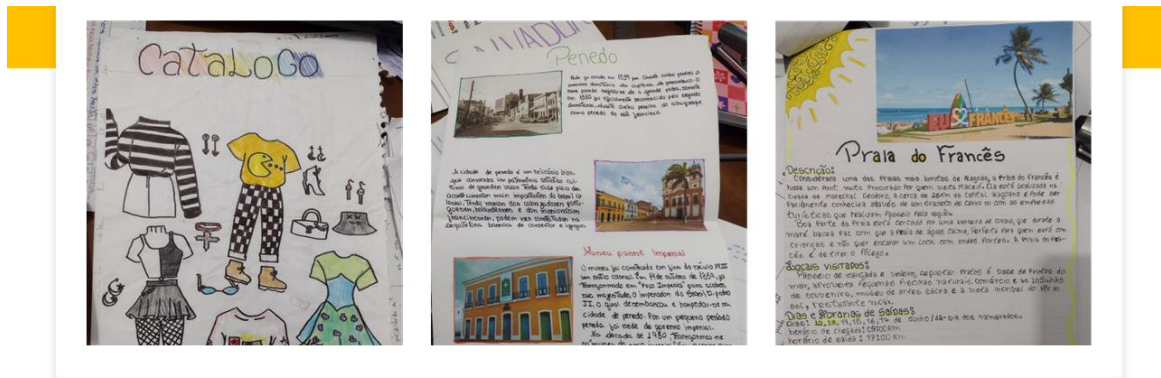
Figura 4 – Dinâmica das cores

Conteúdo e cronograma

Maio	Junho
Etnocentrismo	Evolucionismo Cultural
Consequências do Etnocentrismo	Estágios
Interculturalidade	Evolucionismo e Neocolonialismo
Atividade avaliativa	Atividade avaliativa
	Recuperação Semestral

Fonte: a autora.

Figura 5 – Instrumentos de avaliação



Exemplos de atividades realizadas no Curso de Agente de Informações Turísticas (2022)

- AVALIAÇÕES ESCRITAS
- QUZ
- DINÂMICAS
- MAPA MENTAL
- ENCENAÇÃO
- SEMINÁRIOS
- PRODUÇÃO DE TEXTO
- FOTOGRAFIA
- PODCAST
- DESENHO

Fonte: a autora.

Figura 7 – Livro Sociologia para Jovens do Século XXI

que serve de referência ou o ponto de vista de onde se deve olhar e avaliar o mundo ao redor. Estendendo essa definição, podemos entender o *etnocentrismo* como uma tendência a considerar apenas os valores da própria cultura ao analisar os demais. Isto significa dizer que as visões de um determinado grupo – política, econômica e

socialmente dominante em uma dada sociedade – são consideradas como o centro e a referência de tudo – inclusive outros grupos e indivíduos – e pensado e sentido através dos valores, modelos e definições segundo o grupo dominante, que seria a própria “representação” da existência humana.



Todos somos diferentes, temos escolhas e características biológicas e sociais diferentes. Reconhecer estas diferenças não deveria significar desigualdades em direitos ou de alguma forma de discriminação.

Quando duas culturas se encontram, pode ocorrer um *choque cultural*, ou seja, de repente surge um “outro”, ou o grupo “diferente” que, quase sempre, não age como o grupo dominante – ou, quando age, é considerado estranho. Enfim, esse “diferente” é ameaçador porque pode ferir (afetar de alguma forma) a nossa *identidade cultural*. Então, se pertencemos ao grupo que apresenta os padrões culturais considerados como “corretos”, “naturais”, não aceitamos que outro grupo tenha hábitos que julgamos “estranhos”. Assim o grupo do “eu” faz da sua visão a *única possível* – ou, mais discretamente, “a melhor”, “a natural”, “a superior”, “a certa”.



Em poucas situações, a atitude etnocêntrica passa por um julgamento simples do valor da cultura do outro, nos termos da nossa própria cultura, sem consequências mais sérias. Mas, na maioria das vezes, a História da humanidade é repleta de exemplos onde o etnocentrismo implica um julgamento do outro, na sua forma mais violenta. Por exemplo, julgar um povo – como os indígenas ou os africanos – de primitivo ou bárbaro, pode significar, socialmente e politicamente, como “algo a ser destruído” ou como empecilho ao “desenvolvimento econômico” das nações.

O etnocentrismo formula representações e imagens distorcidas sobre aquele que entendemos como “diferente” de nós, sendo representações sempre manipuláveis como bem entendemos. Além disso, no fundo, transforma a diferença para e simples num juízo de valor, perigosamente prejudicial à humanidade.

Etnocentrismo – termo criado em 1906 pelo sociólogo americano William Graham Sumner (1840-1910) –, portanto, é a base explicativa sociológica e antropológica

dos preconceitos, discriminações, racismos, homofobia, sexismo e estereótipos sobre os mais variados grupos, considerados diferentes em comparação a um determinado padrão.

Esclarecido isso, podemos refletir sobre a nossa própria história: como sabemos, nossas sociedades ocidentais americanas são herdeiras diretas da tradição europeia, branca e cristã, que foi trazida pelos colonizadores e que predominou sobre outras culturas que existiam anteriormente nas Américas.

Sabendo disso, perguntamos: como se deu esse processo de conquista, não somente sob o ponto de vista social e cultural, mas sob a perspectiva da visão de mundo desses colonizadores europeus? Será que o desejo de riqueza não veio aliado a uma crença num estilo de vida que excluiu as diferenças sociais e culturais?

Se pensarmos em termos de História do Brasil, podemos verificar que nossa formação nacional foi marcada pela eliminação física do “diferente” (indígenas) ou por sua escravização (africanos). Da mesma forma, foi forjada uma verdadeira negação do “outro”, também no que diz respeito aos seus pensamentos, suas ideias e seus mais variados comportamentos.

Por exemplo, até algum tempo atrás, na maioria dos livros didáticos de História, encontramos a ideia distorcida de que os índios andavam nus, à época da chegada dos portugueses. Ora, esse “escândalo exótico” esconde, na verdade, a nossa noção particular do que deve ser uma roupa e o que, no corpo, deve-se mostrar ou esconder.

A mesma ideia se expressa quando se diz que os povos indígenas cultuam deuses em formas de espíritos ancestrais, animais, árvores etc., ou seja, eles eram animistas, com superstições sem sentido. Aqui se esconde a visão de que só os ocidentais é que têm o deus ou deuses certos e os “selvagens” não. Perguntamos: o que diriam muitos indígenas na Amazônia se soubessem que nossas indústrias madeireiras derrubam milhões de árvores para fazer papel, e que grande parte desse papel é jogado no lixo? E mais: o que diriam eles, sabendo que a derrubada de árvores provoca

um desequilíbrio ecológico ameaçador para a própria existência humana? Deste ponto de vista, não seríamos nós os “selvagens”, fazendo coisas sem sentido?



Um exemplo de visão etnocêntrica em pleno século XXI. Filmes ainda exibem a África e seus povos como selvagens e primitivos.

As trocas e os diálogos culturais

A notícia sobre o casal que se beijou em Dubai demonstra que mais do que reivindicar um direito de igualdade, é necessário lutar pelo reconhecimento das diferenças. Se a diferença é normal, é necessário lutar para a garantia daquilo que chamamos de *interculturalidade* ou *relações sociais interculturais*.

Relação intercultural significa a valorização, a interação e a comunicação recíprocas entre os diferentes sujeitos e grupos culturais. A interculturalidade é a ideia que tem por base o *reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social*. É tentar promover relações de diálogo e relações igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a culturas diferentes, sem perder de vista a crítica às relações desiguais de poder entre grupos e pessoas.

Fonte: a autora.

O material foi também escolhido por trazer de maneira objetiva o conceito de Etnocentrismo, as suas consequências na história do Brasil, o porquê de sermos diferentes e por ilustrar através de imagens e tirinhas o conteúdo escrito. O vídeo compartilhado foi o “Etnocentrismo”, do canal Guia Sociológico⁷ - ver figura 8. Ele fala sobre como o Etnocentrismo é a origem de diversos tipos de preconceito. Escolhi esse material por ser curto e dialogar com o material escrito.

Conversando com alunos de outras turmas, descobri que alguns deles preferem ouvir a ler, então eles utilizam aplicativos que convertem o texto em áudio. Sendo assim, adotei materiais curtos pensando nos alunos que têm dificuldade de leitura e foco, no caso da pessoa monocular, escolho o vídeo como uma alternativa, apesar de não ter deixado claro isso na postagem realizada. O objetivo não era fazer diferença entre os alunos, mas deixá-los livres para escolher a melhor opção de material.

⁷ Segue o link do vídeo:

https://www.youtube.com/watch?v=3dUwGwgo&ab_channel=GuiaSociol%C3%B3gico

A intenção era que a aula fosse dialogada, ou seja, o objetivo era que os alunos compartilhassem o que compreenderam do conteúdo consultado previamente. Prevendo a possibilidade de eles não lerem o material, preparei uma apresentação com o conteúdo sobre Etnocentrismo. A previsão provou-se realidade, pois poucos alunos consultaram o material com antecedência. Segundo eles, naquela semana havia uma grande quantidade de conteúdo de outras disciplinas para estudar.

Figura 8 – Vídeo do Canal Guia Sociológico



Fonte: YouTube.

Preparei os slides pensando em levar charges, tirinhas e imagens que dialogassem com o conteúdo proposto (ver figuras 9, 10, 11 e 12). Como se pode ver na figura 9 (slide II), a primeira tirinha é sobre duas mulheres, uma oriental e outra ocidental, uma julgando a vestimenta da outra de acordo com sua cultura. Pedi para que os alunos e alunas fizessem o exercício de observar, descrever e interpretar a tirinha de forma oral. Esse foi o ponto de partida para discutir a noção de Choque Cultural e de Etnocentrismo. Após explicar o que era choque cultural, pedi aos alunos que dessem exemplos de estranhamentos que eles vivenciaram ou viram na internet. Esse momento foi interessante, pois eles fizeram uma autorreflexão e compartilharam suas próprias experiências cotidianas, eles também conseguiram fazer relação entre vídeos assistidos no Tik Tok e Instagram e o conteúdo abordado na aula.

Figura 9 – Slides sobre etnocentrismo de I a III



Qual a relação entre a tirinha e o tema da aula?



SLIDE II




SLIDE III

- É comum que haja estranhamento entre pessoas de culturas diferentes;
- Esse encontro pode ser denominado de choque cultural;
- O problema é quando passa a existir um “eu” superior e um “outro” inferior;.

Fonte: a autora.


Figura 10 – Slides sobre etnocentrismo de IV a VI



O que é etnocentrismo?

SLIDE IV

- Etimologicamente, “etno” deriva do grego “ethnos” e se refere à etnia, raça, povo, clã.
- Etnocentrismo significa considerar o seu grupo cultural como o centro ou o eixo de tudo, a base que serve de referência ou o ponto de vista de onde se deve olhar e avaliar o mundo ao redor;
- Ele envolve valores intelectuais (dificuldade de lidar com a diferença) e sentimentais (sentimento de estranheza e hostilidade).
- O termo foi criado em 1906 pelo sociólogo americano William Graham Sumner (1840-1910).



SLIDE V



Etnocentrismo assumiu um caráter colonizador;

O etnocentrismo formula representações e imagens distorcidas sobre aquele que entendemos como “diferente” de nós;

Quando uma pessoa ou grupo considera “normal” ou “natural” uma situação ou ideia, muitas vezes essa normalidade ou naturalidade se expressa como relação de poder, desigualdade ou opressão;

Dai surgem comportamentos e atitudes de discriminação, preconceitos, racismos, machismos, homofobia etc.

Tipos de Etnocentrismo

SLIDE VI

- Everardo Rocha (1984) que o etnocentrismo pode ser cordial ou violento;
- Exemplo de etnocentrismo “cordial”: viagem de um missionário ao Xingú.



Fonte: a autora.

Figura 11– Slides sobre etnocentrismo de VII a IX

Etnocentrismo violento

SLIDE VII

“O grupo do “eu” faz, então, da sua visão a única possível ou, mais discretamente se for o caso, a melhor, a natural, a superior, a certa. O grupo do “outro” fica, nessa lógica, como sendo engraçado, absurdo, anormal ou ininteligível” (ROCHA, 1984);

O “eu” se apresenta como o grupo “correto” e o “outro” como o “estranho”;

SLIDE VIII



Exemplo de etnocentrismo violento

- Hermann Von Ihering, diretor do Museu Paulista, justificava o extermínio dos Kaingang por serem um empecilho ao desenvolvimento;



SLIDE IX

Por que é importante falar de etnocentrismo hoje?

Porque ele distorce como nos sentimos e pensamos. Ele nos impede de lidar com a diferença.

Fonte: a autora.

Figura 12– Slides sobre etnocentrismo de X a XII

Verificando o seu conhecimento SLIDE X

Leia a tirinha a seguir:



SLIDE XI

De acordo com a história em quadrinhos protagonizada por Hagar e seu filho Hamlet, pode-se afirmar que a postura de Hagar:

- (A) valoriza a existência da diversidade social e de culturas, e as várias representações e explicações desse universo.
- (B) desvaloriza a existência da diversidade social e as várias culturas, e determina uma única explicação para esse universo.
- (C) valoriza a possibilidade de explicar as sociedades e as culturas a partir de várias visões de mundo.
- (D) valoriza a pluralidade cultural e social ao aproximar a visão de mundo de navegantes e não-navegantes.
- (E) desvaloriza a pluralidade cultural e social, ao considerar o mundo habitado apenas pelos navegantes.

SLIDE XII

Referências

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

Oliveira, Luiz Fernandes de, 1968- 4. ed. *Sociologia para jovens do século XXI : manual do professor* / Luiz Fernandes de Oliveira, Ricardo Cesar Rocha da Costa. - 4. ed. - Rio de Janeiro : Imperial Novo Milênio, 2016.

Fonte: a autora.

Conversei com os alunos sobre exemplos na história e na atualidade, de comportamentos que achamos estranhos, como mostrado na figura 9 (slides II e III). A partir da tirinha e da explicação, pedi exemplos de elementos culturais que os próprios alunos achavam estranhos e eles falaram sobre costumes, vestimentas, alimentação, religiosidade etc.

Ao longo da aula, fui mostrando que o estranhamento é comum a toda cultura e que o problema é quando isso leva ao confronto violento e à inferiorização de culturas ou pessoas (ver figuras 10 e 11 mostradas anteriormente). Terminei a aula mostrando reportagens de jornais eletrônicos que falavam sobre casos de racismo, homofobia, machismo e expliquei que essas eram algumas das consequências do etnocentrismo na atualidade (ver figura 11 – slide 9).

Como se pode ver na figura 12 os últimos slides (X e XI), consistem numa questão de vestibular, todavia, não foi possível respondê-la em sala em todas as turmas, principalmente naquelas em que a discussão e os exemplos tomaram conta do tempo de aula. A Interculturalidade foi a temática trabalhada na segunda aula e assim como na primeira, disponibilizei o material escrito antes da aula e preparei um slide com a definição de interculturalidade e uma atividade de fixação.

Como se pode ver na figura 7, o material é uma continuação do conteúdo sobre Etnocentrismo e tem apenas duas páginas. Ele fala sobre como é possível estabelecermos relações de troca com pessoas ou grupos culturais diferentes. Ao invés de realizar uma aula expositiva dialogada novamente, propus uma atividade autorreflexiva.

A minha percepção é a de que o aproveitamento do conteúdo de sociologia se dava em sala de aula a partir dos slides, das discussões e dos exemplos. Apesar de preferir trabalhar com a leitura de textos escritos longos, percebi que a compreensão dos alunos a partir do combo de imagens, tirinhas e exemplos foi funcional e fez com que os alunos (inclusive aqueles com dificuldade de aprendizagem, leitura, concentração e foco) compreendessem o conteúdo.

Conversando com um grupo de alunos fora da sala de aula, eles me falaram que haviam compreendido o conteúdo e que ele era fácil. Após isso expliquei que o conteúdo era fácil tratar de questões que nos vivenciamos ou observamos em sociedade, em sala nós estávamos dando nome a alguns tipos de comportamento e compreendendo antropologicamente como e o porquê de eles ocorrerem. Ao perguntá-los sobre a efetividade dos vídeos, material escrito e slides, a maior parte dos alunos concordou que eles ajudaram no processo de aprendizagem do conteúdo sobre o Etnocentrismo.

Figura 13 - Livro Sociologia para Jovens do Século XXI

dos preconceitos, discriminações, racismos, homofobia, sexismo e estereótipos sobre os mais variados grupos, considerados diferentes em comparação a um determinado padrão.

Esclarecido isso, podemos refletir sobre a nossa própria história: como sabemos, nossas sociedades ocidentais americanas são herdeiras diretas da tradição europeia, branca e cristã, que foi trazida pelos colonizadores e que predominou sobre outras culturas que existiam anteriormente nas Américas.

Sabendo disso, perguntamos: como se deu esse processo de conquista, não somente sob o ponto de vista social e cultural, mas sob a perspectiva da visão de mundo desses colonizadores europeus? Será que o desejo de riqueza não veio aliado a uma crença num estilo de vida que excluiu as diferenças sociais e culturais?

Se pensarmos em termos de História do Brasil, podemos verificar que nossa formação nacional foi marcada pela eliminação física do "diferente" (indígenas) ou por sua escravização (africanos). Da mesma forma, foi forjada uma verdadeira negação do "outro", também no que diz respeito aos seus pensamentos, suas ideias e seus mais variados comportamentos.

Por exemplo, até algum tempo atrás, na maioria dos livros didáticos de História, encontrávamos a ideia distorcida de que os índios andavam nus, à época da chegada dos portugueses. Ora, esse "escândalo exótico" esconde, na verdade, a nossa noção particular do que deve ser uma roupa e o que, no corpo, deve-se mostrar ou esconder.

A mesma ideia se expressa quando se diz que os povos indígenas cultuam deuses em formas de espíritos ancestrais, animais, árvores etc., ou seja, eles eram animistas, com superstições sem sentido. Aqui se esconde a visão de que só os ocidentais é que têm o deus ou deuses certos e os "selvagens" não. Perguntamos: o que diriam muitos indígenas na Amazônia se soubessem que nossas indústrias madeireiras derrubam milhões de árvores para fazer papel, e que grande parte desse papel é jogado no lixo? E mais: o que diriam eles, sabendo que a derrubada de árvores provoca

um desequilíbrio ecológico ameaçador para a própria existência humana? Deste ponto de vista, não seríamos nós os "selvagens", fazendo coisas sem sentido?



Um exemplo de visão etnocêntrica: em pleno século XXI, filmes ainda exibem a África e seus povos como selvagens e pitorescos.

As trocas e os diálogos culturais

A notícia sobre o casal que se beijou em Dubai demonstra que mais do que reivindicar um direito de igualdade, é necessário lutar pelo reconhecimento das diferenças. Se a diferença é normal, é necessário lutar para a garantia daquilo que chamamos de *interculturalidade* ou *relações sociais interculturais*.

Relação intercultural significa a valorização, a interação e a comunicação recíprocas entre os diferentes sujeitos e grupos culturais. A interculturalidade é a ideia que tem por base o *reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social*. É tentar promover relações de diálogo e relações igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a culturas diferentes, sem perder de vista a crítica às relações desiguais de poder entre grupos e pessoas.

Nas palavras de Catherine Walsh, pedagoga americana e professora da Universidade Andina Simon Bolívar, no Equador, a **interculturalidade** é:

Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade; um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas no seu diálogo; um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados; uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade; e uma meta a alcançar. (WALSH, 2001, p.10-11)

Na sociedade brasileira ainda há muita dificuldade em reconhecer e promover o diálogo e a troca entre diferentes grupos, pois ainda ocorrem muitos casos de violência contra os homossexuais, atitudes e comportamentos de rejeição a pessoas com deficiências, violência contra as mulheres e negros etc. O simples fato de ser diferente, sob diversos aspectos, dificulta que certos indivíduos tenham acesso a bens, a oportunidades de trabalho e até mesmo de frequentarem certos espaços.

Nestas poucas palavras, você consegue perceber que a *interculturalidade* pode ser o oposto do *etnocentrismo*?

O que diferencia o ser humano dos outros seres é sua capacidade de dar respostas aos diversos desafios que a realidade impõe. Mas, essa preocupação com a realidade e esse agir no mundo não se dão de maneira isolada. É na relação entre homens e mulheres e destes e destas com o mundo que uma nova realidade se constrói e novos homens e mulheres se fazem.

Criando cultura. Fazendo história. E essas culturas e histórias sempre se relacionam entre si. Por isso, as diferenças sociais e culturais, que são os aspectos mais humanos que existem entre as pessoas e as sociedades, podem se expressar através do etnocentrismo ou das relações interculturais.



Índios e brancos juntos: como superar o etnocentrismo? Na foto, índios patalés comemoram a condenação dos jovens acusados pela morte do índio Galvão Jesus dos Santos e saúdam o promotor pela sua elação no caso.

Fecha-mos esta reflexão com um chamado do sociólogo Boaventura de Sousa Santos para refletirmos sobre as diferenças culturais e as desigualdades sociais: "temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza" (1995, p.7).



Capítulo 6: "Ser diferente é normal": as diferenças sociais e culturais. 83

Fonte: a autora

3.2. Adaptações de pequeno porte na atividade de fixação: texto ou desenho, eis a questão

O objetivo da terceira aula era compreender o conceito de etnocentrismo e interculturalidade a partir do nosso próprio cotidiano e, através da noção de interculturalidade, aprender que é possível convivermos com pessoas com culturas, religiões e hábitos diferentes, efetivando acordos de convivência. Como se pode ver nas figuras 14 e 15, tentei novamente criar slides curtos com imagens relacionadas ao conceito que seria abordado.

Em sala, expliquei a importância de se respeitar grupos culturais diferentes e passei uma atividade de fixação que consistia numa autorreflexão. Para ajudá-los na execução da atividade, dei um exemplo pessoal, sobre como eu pensava que havia apenas um caminho para se chegar ao sagrado e que, ao longo do tempo, estudando, observando e convivendo com pessoas que professavam uma fé diferente da minha, consegui perceber que cada pessoa se relaciona com o sagrado de maneira diferente.

Figura 14 – Slides sobre interculturalidade I e II



SLIDE II

INTERCULTURALIDADE

- Relação intercultural significa a valorização, a interação e a comunicação recíprocas entre os diferentes sujeitos e grupos culturais;
- A interculturalidade é a ideia que tem por base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social;



Fonte: a autora.

Como mostra a figura 15 (slide IV), a atividade consistia em pensar num comportamento etnocentrista que cada um vivenciou ou presenciou e criar um final alternativo que demonstrasse a compreensão do conceito de Interculturalidade. Cada um poderia escolher a forma de entrega: um desenho ou texto, optei por esse tipo de adaptação principalmente pela

dificuldade que alguns estudantes apresentam no campo na escrita. Nesse primeiro momento, o objetivo da aula era que o conceito fosse reconhecido em atitudes cotidianas e isso pode ser alcançado não só através do texto escrito, mas também do desenho.

Figura 15 – Slides sobre interculturalidade III e IV

SLIDE III

- Nas relações interculturais tenta-se promover relações de diálogo e relações igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a culturas diferentes;
- A interculturalidade é importante para criar acordos de convivência.



SLIDE IV

Atividade de fixação

- 1) Elabore um texto refletindo sobre algum comportamento etnocentrista que você vivenciou ou presenciou. Explique o que aconteceu e sobre qual a atitude adequada a ser tomada levando em consideração a perspectiva da interculturalidade.
- 2) Elabore um desenho ou tirinha refletindo sobre algum comportamento etnocentrista que você vivenciou ou presenciou. Explique o que aconteceu e sobre qual a atitude adequada a ser tomada levando em consideração a perspectiva da interculturalidade.

Fonte: a autora.

A atividade de Ravi, como mostra a figura 16, demonstra que o estudante, apesar das suas dificuldades com o foco e concentração, foi capaz de reconhecer o racismo como sendo um desdobramento do Etnocentrismo. Como a atividade previa que os alunos tratassem da interculturalidade, Ravi interpretou o elogio como sendo o sinal de relação respeitosa. Não há sofisticação, mas o uso de ironia numa charge ou uma reflexão profunda no trabalho apresentado, todavia, levando em consideração o contexto do aluno, o resultado dessa atividade representa um avanço no processo de aprendizagem.

Figura 16 – Atividade de fixação do estudante Ravi



Fonte: arquivo pessoal.

Para sanar as dúvidas de alguns alunos, contei um exemplo pessoal em sala, sobre como eu era desrespeitosa com pessoas que professavam a fé católica quando era mais jovem e que mudei o comportamento quando fiz uma pesquisa de campo numa Igreja Católica. Apontei que a observação e o diálogo respeitoso me fizeram refletir sobre como todos temos direito a expressar nossa religiosidade e que ela não pode ser ridicularizada ou ser qualificada como melhor ou pior.

Dado o exemplo, passei de banca em banca observando o que os alunos estavam produzindo e perguntando o que eles estavam querendo fazer. Conversei bastante com eles e fui abrindo o leque de possibilidades de respostas, dando a opção de criar uma história que representasse um comportamento etnocentrista. Enfatizo que essa atitude que é comum a tantos professores tinha como objetivo observar o andamento da atividade, tirar a dúvida daqueles que são mais tímidos e até mesmo conversar com os alunos.

Esse hábito quase ritualístico de passar em banca em banca é antigo, mas, nessa atividade em específico, proporcionou ouvir cada aluno, suas ideias e histórias, bem como perceber as dificuldades na compreensão do conteúdo, foi o que aconteceu com Nora. Como se pode ver na imagem a seguir, dentro das suas possibilidades, a estudante fez uma autorreflexão sobre preconceito religioso.

Nora provém de um contexto familiar instável e, devido a isso, faltava as minhas aulas com frequência. Ela já foi minha aluna no ano letivo passado, mas ficou retida no 2º ano. As dificuldades dela estão no campo da leitura e da escrita, a execução de estudos dirigidos, por exemplo, resultava em respostas com frases que não faziam sentido algum e eram respostas aleatórias.

Como se pode ver na imagem 17, apesar dos diversos erros gramaticais, de pontuação e de coesão textual, Nora entregou um texto coerente com a atividade solicitada pela primeira vez na disciplina. A redação dela demonstra a compreensão de que há pessoas que põem sua fé como sendo a correta e essa é uma atitude etnocentrista.

Nesse caso em específico, a presencialidade fez a diferença, pois a explicação sobre o conteúdo e a instrução de como fazer o trabalho se deu durante a averiguação das atividades. Já havia experimentado dar orientações escritas ou por áudios para a aluna, ainda assim as atividades respondidas no ano letivo anterior eram inteligíveis na maioria das vezes⁸.

⁸ Nora foi uma das alunas que ficou retida no 2º ano do ensino médio.

Figura 17 – Atividade de fixação da estudante Nora

Sociologia
Religião

Que eu quando era mais nova me considerava
melhor uma religião e que se a religião
que eu seguia era a única religião certa e
deveria considerar todas as pessoas a mesma
E que eu mais com o tempo fui crescendo e
conversei com outras pessoas e
descobri outras Religiões e si que
não se tinha a que eu seguia e agora eu
Respeito todas as Religiões e a religião
de a religião que eu seguia não é
mais a mesma agora já sigo outra
Religião

Fonte: arquivo pessoal.

Numa dessas passagens pelas bancas dos alunos, fui surpreendida por um quadrinho que começava com o seguinte diálogo: “volte para África”⁹. A aluna estava em dúvida com o trabalho feito, na verdade, ela estava aflita, afinal, o que ela estava reproduzindo ali era o

⁹ A aluna escolheu refazer a atividade mesmo estando correta.

racismo que eu e tantas outras pessoas pretas enfrentamos no cotidiano. A aluna fez a atividade de forma incorreta? Não!

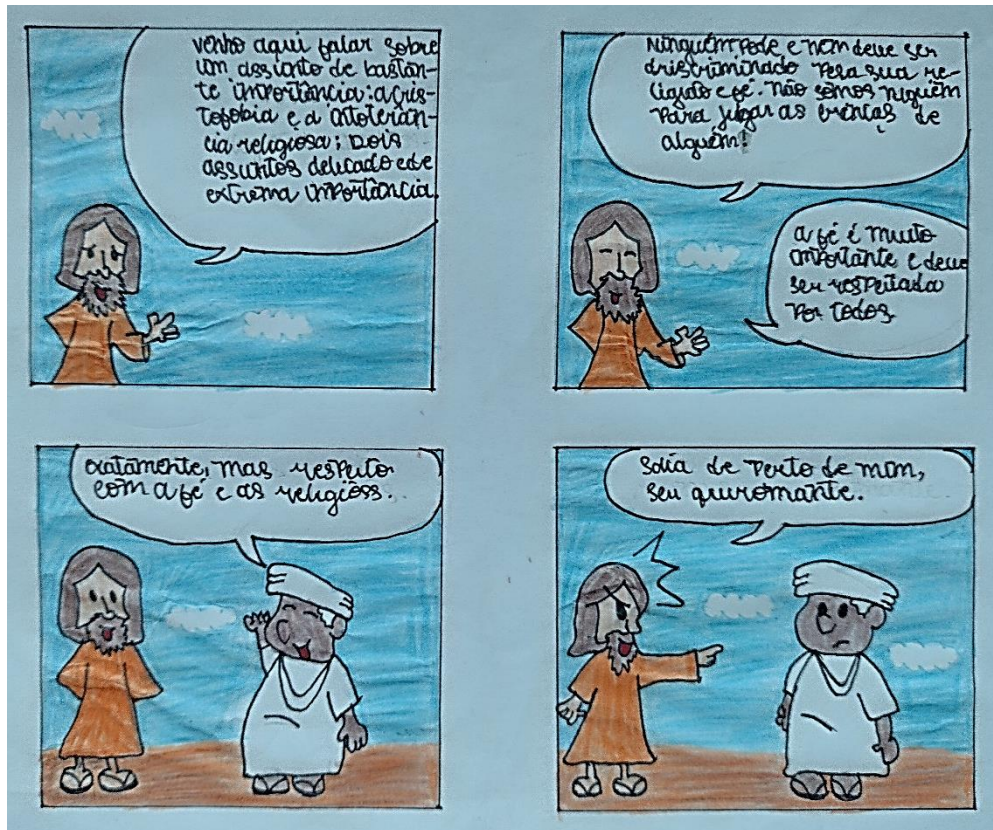
Na aula anterior havíamos discutido sobre os frequentes ataques racistas sofridos pelo jogador de futebol Vinícius Júnior (Real Madrid), ela identificou corretamente um dos problemas causados pelo etnocentrismo. Todavia, enquanto pessoa negra, aquilo me doeu e muito. Os alunos não trouxeram exemplos amenos como eu estava esperando, como se pode ver nas imagens a seguir, eles trouxeram exemplos relacionados ao racismo, homofobia, intolerância religiosa e outros tipos de preconceitos, alguns foram de forma muito visceral e outros de forma irônica e/ou humorística.

As figuras 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25 a seguir trazem alguns exemplos interessantes, pois elas refletem discursos preconceituosos e contra determinados grupos identitários estereótipos relacionados a determinadas nacionalidades. Um dos objetivos da Sociologia no ensino médio é desconstruir discursos do senso comum, as atividades realizadas por esses alunos demonstram que os alunos conseguiram identificar essas falas na realidade e registrá-las em formato de desenhos e histórias em quadrinhos.

Numa das turmas, os alunos ficaram com medo de serem “cancelados” com os exemplos que queriam dar, um deles me perguntou se ele poderia ser racista na atividade. A impressão que tive foi a de que o exercício foi mais bem recebido pela primeira turma, a segunda teve um pouco de resistência e insensibilidade por parte de alguns alunos. Ao terminar essa aula, saí com a sensação de que não conduzi a aula de maneira correta e que a adaptação proposta havia servido apenas para que os alunos expressassem seus preconceitos de maneira jocosa.

Duas colegas professoras me fizeram perceber que eu não havia “errado a mão” na atividade, mas que seria importante abordar as temáticas que surgiram nas atividades numa conversa com os alunos, pois elas eram sensíveis e mereciam ser trabalhadas um pouco mais. No meu primeiro planejamento não estava prevendo uma roda de conversa, a princípio gostaria de ter conversado com os alunos sobre o Quebra de Xangô para discutir a questão da intolerância religiosa a partir de um exemplo local. Contudo, os alunos colocaram o “dedo na ferida” trazendo exemplos e experiências inesperadas. Na aula seguinte a atividade adaptada realizei uma roda de conversa. Comecei a aula explicando que os assuntos abordados por eles na atividade anterior eram bastante delicados e que eles mereciam ser abordados numa conversa. Também falei sobre a minha dor e desconforto ao ver atividades que tratavam sobre racismo, pois sou uma pessoa negra e é impossível não me imaginar vivendo aquelas situações.

Figura 18 – Atividades sobre intolerância religiosa



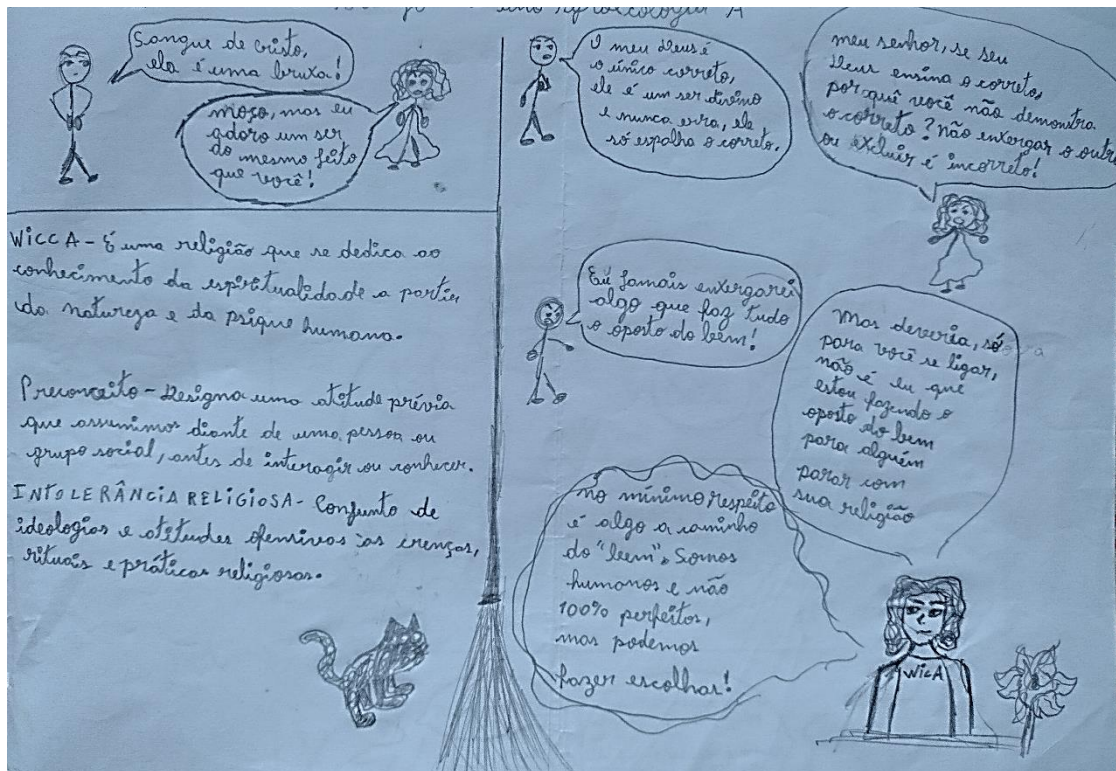
Fonte: arquivo pessoal

Figura 19 – Atividades sobre intolerância religiosa



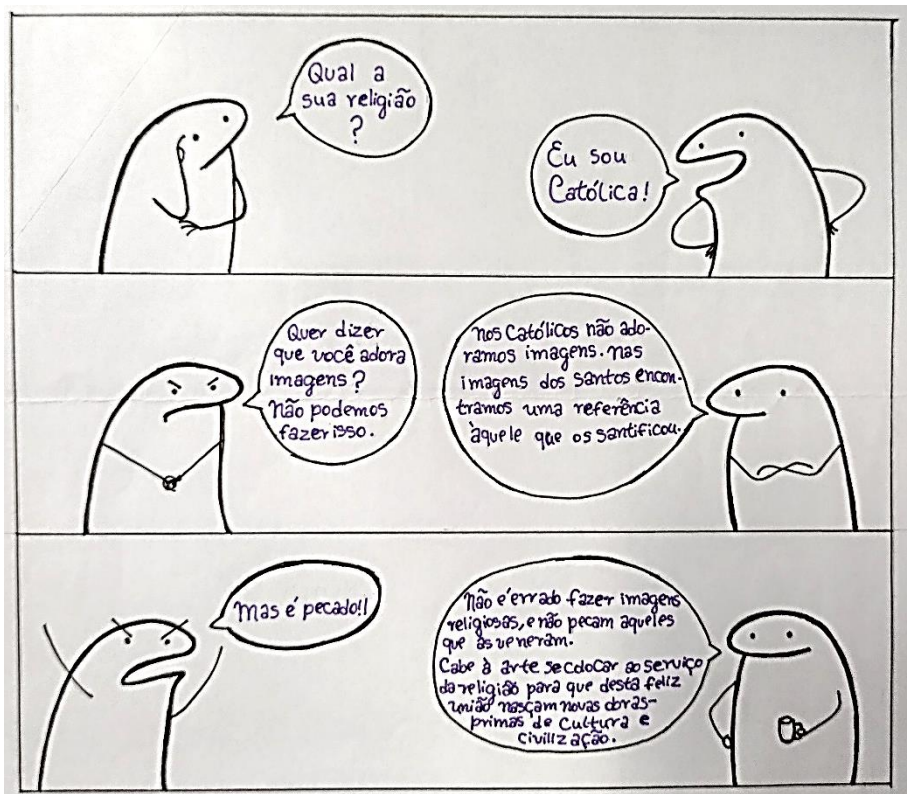
Fonte: arquivo pessoal

Figura 20 – Atividades sobre intolerância religiosa



Fonte: arquivo pessoal

Figura 21 – Atividades sobre intolerância religiosa



Fonte: arquivo pessoal

Figura 22 – Atividade sobre preconceitos que surgem de estereótipos



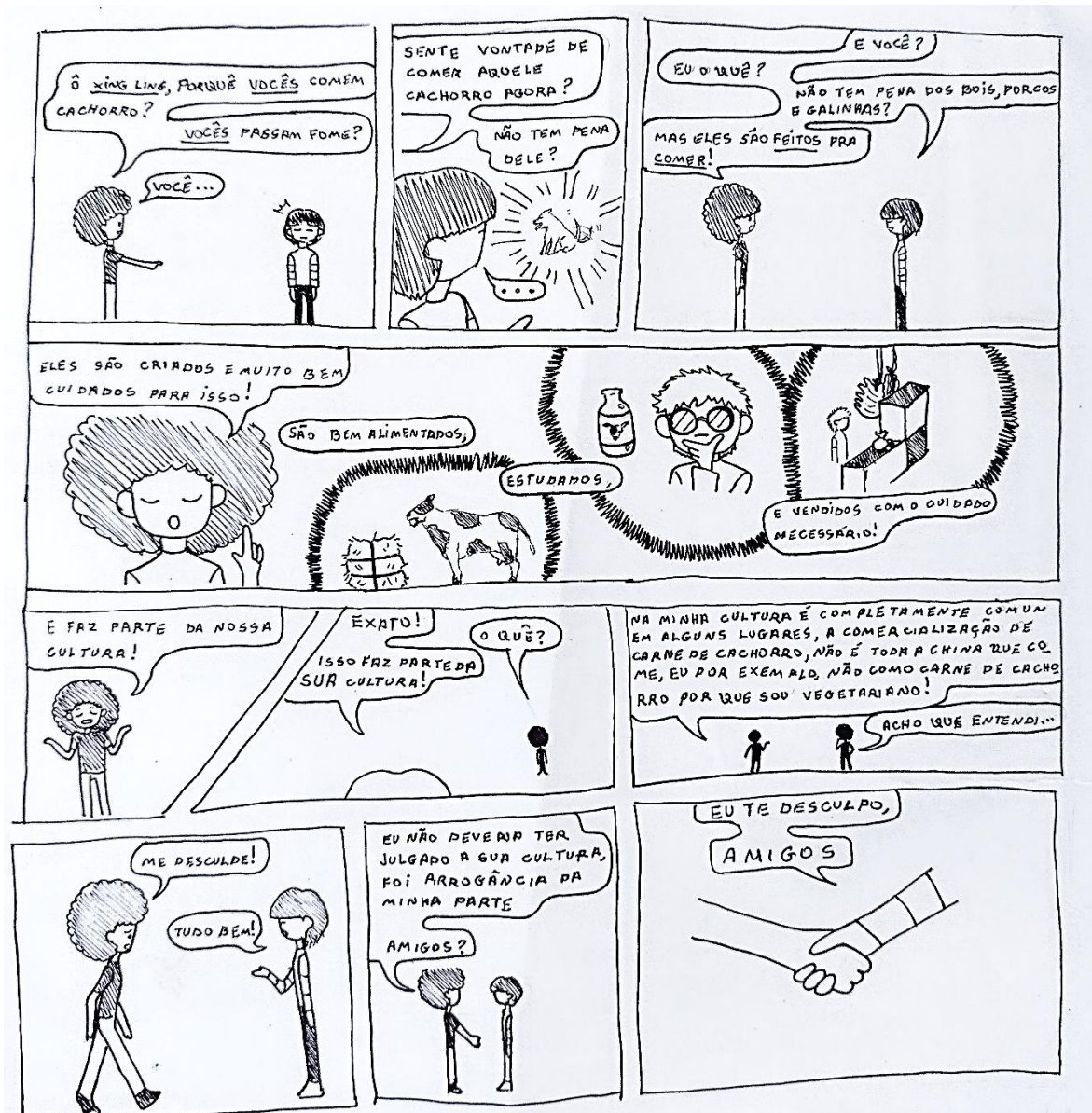
Fonte: arquivo pessoal

Figura 23 – Atividade sobre preconceitos que surgem de estereótipos



Fonte: arquivo pessoal

Figura 24 - Atividade sobre preconceitos que surgem de estereótipos



Fonte: arquivo pessoal

A maior parte das atividades versaram sobre intolerância religiosa e os estereótipos que criamos a cerca de determinados povos ou etnias, figuras 22, 23 e 24 são exemplos disso. Na primeira temos um turista reduzindo o país apenas a alguns elementos, a visão que os estrangeiros têm do Brasil é a do lugar do carnaval. Na segunda temos o português, colonizador, colocando o vestuário do indígena como sendo inapropriado, tal comportamento é etnocentrista por considerar o modo europeu de se vestir como sendo o correto. A figura 24 apresenta o mesmo raciocínio, mas relacionado a hábitos alimentares.

Nas rodas de conversa no curso de hospedagem, a conversa girou em torno de temáticas como preconceito e discriminação. O debate nessas turmas foi intenso e proveitoso, muitos alunos contribuíram e participaram da discussão. Alguns relataram que a experiência foi dolorosa e difícil, pois eles tiveram que refletir sobre pensamentos e comportamentos “incorretos” e como isso afetava de maneira negativa outras pessoas. Para a aluna Elba, a atividade funcionou como desabafo, pois ela era de uma religião de matriz de africana e sofria com o preconceito dentro de casa.

Mas como integrar a temática do Etnocentrismo ao curso de hospedagem? Nessa roda de conversa, expliquei para os alunos que eles precisavam saber gerenciar a diversidade cultural no mundo no trabalho, pois eles iriam lidar com pessoas de nacionalidades, religiões e costumes diferentes. Também citei o exemplo da aluna Eva que, trabalhando na área de recreação de um hotel, apontou para o seu superior o quanto a brincadeira de “caça ao índio” era problemática. Ora, nossos povos indígenas foram dizimados no processo de colonização, como pode ser divertida uma brincadeira que implica a caça de pessoas?

Nas turmas de Agroecologia tive algumas surpresas, a aluna Clarisse deu o exemplo do “lápiz cor de pele” e como essa noção ignora uma diversidade de tons de pele, principalmente em se tratando do Brasil. Expliquei para eles que isso também se refletia na produção de uma infinidade de produtos e, para aproximar a discussão dos alunos, conversamos sobre as dificuldades que pessoas negras tiveram por muito tempo para encontrar produtos de maquiagem no tom correto e produtos específicos para o seu tipo de cabelo.

Para minha surpresa, a aluna Nora participou da aula falando sobre a dificuldade em encontrar base e pó para o seu tom de pele. Esse foi um momento atípico, pois Nora é isolada e raramente fala em sala de aula, mas o exemplo dado foi significativo o suficiente para fazê-la sentir-se confortável em compartilhar a sua experiência.

A educação profissional e tecnológica deve trazer novos elementos e reafirmar os conhecimentos prévios do aluno para haja aprendizagem, como aponta David Ausobel (2000), ela deve ser significativa. Um outro exemplo interessante foi dado pelo aluno Tim que fez uma redação colocando em interação o agricultor convencional e um agricultor agroecológico. Como mostra a figura 25, ele conseguiu integrar o conteúdo proposto pela Sociologia e sua futura área de atuação.

Figura 25 – Redação sobre um agricultor convencional e o agroecológico

Um agricultor convencional estava conversando com um agricultor agroecológico. A maneira de tratar o solo dos agricultores convencionais é uma, a dos agroecológicos é outra. Para um agricultor convencional, conviver com plantas espontâneas (para ele são daninhas) é coisa de gente preguiçosa, já para um agricultor agroecológico é algo sustentável.

Uma pessoa da agricultura agroecológica tenta conversar com uma pessoa da agricultura convencional sobre a importância das plantas espontâneas, mas o agricultor convencional diz que isso (conviver com plantas espontâneas) é coisa de gente preguiçosa. O agricultor convencional passou a vida toda pensando que só a maneira dele tratar a agricultura (queimando plantas espontâneas, por exemplo) é a única que pode ser feita, a certa. Mas não é bem assim, as práticas agroecológicas são muito mais sustentáveis que as convencionais, inclusive.

O agricultor convencional deveria ter conversado com o agricultor agroecológico e não chamar ele de preguiçoso e ao menos tentar utilizar as práticas que ele recomenda.

Fonte: arquivo pessoal

Percebi uma certa insensibilidade nas turmas de Agroecologia em alguns momentos, uma parte disse que apenas havia feito o trabalho sem qualquer tipo de reflexão. Eles não se sentiram incomodados em tratar de temáticas que para mim, são extremamente desconfortáveis e sensíveis. Pedi para que eles refletirem sobre o porquê daquela indiferença. Apesar disso, eles compreenderam o conteúdo e os desenhos e redações mostraram isso, sendo eles fruto de autorreflexão ou não.

Gostaria de destacar algumas experiências posteriores a intervenção. Os casos de Ravi, Rael e Apolo foram aqueles que chamaram minha atenção. Ravi se senta na última cadeira da fileira, demorei um certo tempo para fazer a conexão entre a pessoa e o nome. Arthur Lira, coordenador do núcleo, foi o responsável por me ajudar a fazer essa conexão numa conversa informal e Pâmela, mãe do aluno, me fez compreender melhor o contexto familiar na reunião de pais.

O coordenador do NAPNE construiu um perfil do aluno, ele é tímido, por vezes isolado e tem a autoestima baixa, segundo sua mãe, o aluno já teve episódios graves de depressão, o que o fez desistir do curso no ano letivo passado. Ravi vive entre a casa da avó e de sua mãe,

todavia, o relacionamento com a primeira é bastante conturbado. Ele mudou-se para cuidar da idosa, mas nesse processo, acabou perdendo a ajuda da mãe na realização das atividades escolares e no acompanhamento da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

Ravi não entregou a atividade avaliativa 1 na data correta, na reunião de pais, expliquei à sua mãe do que se tratava da avaliação e foi estabelecido um novo prazo de entrega. A resposta foi entregue no formato de áudio, mas ela era uma cópia de um texto hospedado no site Studocu. Ao confrontar o aluno e estabelecer um novo prazo de entrega da atividade, o aluno entregou um áudio curto, mas assertivo sobre a conexão entre os vídeos e a conceito de Etnocentrismo.

Rael e Apolo também tiveram problemas com a entrega das atividades, Rael por ter problemas de memorização e Apolo por problemas de conexão (internet). Rael começou a ser acompanhado pelo NAPNE no ano letivo passado, a partir disso, os pais começaram a investigar a causa dos problemas de memória. Como deixar mensagens no grupo do WhatsApp não estava funcionando, passei a falar com o aluno nos corredores sobre os prazos e entregar as atividades impressas. Na primeira atividade avaliativa, sugeri que Rael e Apolo respondessem a atividade avaliativa em dupla, o que funcionou muito bem. Ambos entregaram a atividade dentro do novo prazo estabelecido e de maneira correta eles mostraram a compreensão do conteúdo.

Realizada a intervenção, percebi que a adaptação não se restringe apenas a elaboração de uma prova escrita com determinadas características ou a flexibilização do formato de entrega, ela perpassa também pela flexibilização dos prazos de entrega, do conhecer o aluno (a) e tentar compreendê-lo(a). Alunos e Alunas como Ravi, Nora, Rael, Apolo, Lia, Eva e Olívia são facilmente encarados(as) como displicentes, mas as adaptações possibilitaram que eles compreendessem o conteúdo e fossem avaliados respeitando a necessidade específica de cada um.

Naiane Silva e Beatriz Carvalho (2017) afirmam algo interessante sobre esse processo de inclusão, pois, além dos recursos e estratégias é necessário termos “um olhar mais amplo, um olhar para a estrutura externa do ambiente educacional, como também para o interior da instituição, observando a forma como este aluno chega à escola e como este adentra o prédio” (SILVA e CARVALHO, 2017, p. 301). Todavia, o que acontece no exterior da escola também deve ser levado em consideração, pois influenciam o desempenho do aluno em sala. Esse é o caso de Nora, aluna que já havia falado das dificuldades em relação ao transporte e no conselho, a coordenação pedagógica compartilhou algumas de suas dificuldades familiares.

Algo que também utilizei em todas as turmas foram carimbos pedagógicos (Figura 26). À medida que as atividades iam sendo concluídas, como mostrado na imagem a seguir, os alunos recebiam o carimbo com as frases “Atenção” e/ou “Bom Trabalho” a depender do caso. Comprei os carimbos na intenção de facilitar a correção das atividades, todavia, elas acabaram funcionando como uma ferramenta de incentivo para a realização das atividades em sala, os estudantes faziam questão de ter o carimbo no caderno e me cobravam em casos de esquecimento.

Figura 26 – Carimbos pedagógicos



Fonte: arquivo pessoal

David Ausubel (2000) aponta que a aprendizagem é um processo ativo e para que seja significativa, ela deve dar importância às competências prévias dos alunos. Segundo Marco Moreira e Elcie Masini (1982, p.7), “para Ausubel, aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura do conhecimento do indivíduo”.

Sendo assim, essa primeira intervenção em sala mostrou que a adaptação realizada foi importante e produtiva, no sentido que proporcionou aos alunos(as) refletirem e compreenderem o conteúdo proposto de maneira correta. Construir espaços de participação e tratar de temáticas que afetam o cotidiano dos alunos também foi de extrema importância para a atingir os objetivos das aulas. As produções textuais e artísticas mostradas ao longo do texto são o resultado de uma aprendizagem significativa. Além disso, o incentivo e a abertura ao diálogo foram essenciais para o desenvolvimento do conteúdo abordado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Como não deixar ninguém para trás?” é o questionamento que dá título a este trabalho e que me impulsionou a realizar as adaptações descritas anteriormente. Não deixar ninguém para trás é uma missão extremamente difícil, além de conhecer cada aluno e suas necessidades específicas, é necessário saber a demanda de cada aluno e aluna. Cada estudante tem uma singularidade e um modo de aprender, especialmente aqueles que necessitam de mais atenção.

Há muitas pesquisas que falam sobre adaptações para crianças em fase de Alfabetização ou mesmo no Ensino Fundamental, todavia, há uma lacuna em se tratando de conteúdos que falam sobre possibilidades de adaptações nas atividades avaliativas dentro do Ensino Médio, Cursos Profissionalizantes e no Ensino Superior. Não há clareza na legislação e nos artigos pesquisados do que realmente fazer em sala, as descrições são bem gerais.

Nas minhas primeiras experiências como docente as redações e as provas escritas se tornaram as formas de avaliação mais utilizadas. Em se tratando de Sociologia, uma disciplina que requer a reflexão sobre questões sociais, políticas e econômicas, encontrei nesse tipo de atividade uma forma de avaliar o aprendizado do aluno, pelo menos no início. Ainda que nossos ancestrais africanos e indígenas tenham como pilar a tradição oral, vivemos numa sociedade fundamentada na leitura e na escrita e essa é a forma pela qual aprendemos na escola e na universidade.

Apesar da ênfase no texto escrito, outras formas de expressão também devem ser consideradas como texto, pois elas comunicam algo, é só lembrarmos da Língua de Sinais Brasileira que é gesto-visual. Desse modo, pensando nos alunos com dificuldade na leitura e na escrita, adotei mais uma forma de avaliação e deixei que os estudantes escolhessem a melhor alternativa. Ao longo do tempo percebi que o aprendizado pode ser expresso de outras formas e que os estudantes são dotados de habilidades que podem ser utilizadas em prol de uma aprendizagem significativa. Além disso, os alunos tiveram a iniciativa e a autonomia de realizar o trabalho de acordo com suas vivências e pensamentos.

A adaptação realizada foi de pequeno porte, os alunos puderam escolher entre duas formas de entrega (desenho e texto) e ela acolheu a maioria das dificuldades dos estudantes, daqueles que escolheram participar das atividades propostas. O conteúdo abordado em sala também colaborou com a intervenção, pois ele foi significativo e incentivou os estudantes a interagirem no debate ou mesmo na própria execução dos exercícios. A criação de uma aula em

que os estudantes pudessem dialogar, expressar seus pensamentos e por vezes, serem corrigidos com cuidado, foram essenciais durante esse processo.

A intenção da prática construída na sala de aula era a de uma educação inclusiva, mas sem ser discriminatória. A presente pesquisa-ação me proporcionou refletir sobre a minha prática, sobre como a inclusão começa no planejamento das aulas e a avaliação seria uma espécie de culminância no processo de aprendizagem. Cada detalhe foi pensado, desde o livro didático, os vídeos, bem como as imagens, cores e tamanho da fonte dos slides, foram escolhidos pensando nas necessidades dos estudantes.

O Conselho Consultivo realizado em junho de 2023 foi o local que possibilitou conhecer os alunos que já eram atendidos pelo NAPNE e compartilhar as experiências e dificuldades de outros alunos. A troca de experiências com os professores de outras disciplinas propedêuticas e da área técnica me proporcionou conhecer os alunos e alunas com necessidades específicas previamente, o que foi essencial durante o processo, pois entrei nas turmas novas já reconhecendo e observando o comportamento de alguns deles.

Penso que deixei alguns alunos e alunas para trás, pois há variáveis que fogem da habilidade do profissional, são exemplos disso as questões financeiras e familiares. Num mundo ideal, as necessidades específicas não seriam negligenciadas durante anos, elas seriam percebidas e as adequações necessárias implantadas. Esse seria um caminho para que cada vez menos estudantes sejam deixados para trás. Apesar disso, penso que a presente investigação marca o início do amadurecimento da minha prática pedagógica, ela segue por um caminho mais atento, dedicado e disposto a atender as necessidades de cada estudante.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D.P. (2003). **Aquisição e retenção de conhecimentos**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. Tradução do original The acquisition and retention of knowledge (2000).

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Presidência da República. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 13 jul. 2023.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Adaptações Curriculares / Secretaria de Educação Fundamental**. Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC / SEF/SEESP, 1998.

BRASIL. Projeto **Escola Viva**: Adaptações curriculares de pequeno porte MEC/SEESP, 2000a

BRASIL. **Projeto Escola Viva**: Adaptações curriculares de grande porte MEC/SEESP, 2000b.

CARVALHO, Rossita E. **A nova LDB e a educação especial**. Curitiba: WVA, 2008.

CESAR, K. K. F. A. et al. **Materiais Didáticos para o Ensino Aprendizado de Alunos com Autismo do Ensino Fundamental em Escola Pública**. Experiências em Ensino de Ciências, v. 15, n. 02, p. 597–604, 8 nov. 2020.

DALTRO FILHO, Gildásio de Cerqueira. **10 Estratégias Didáticas para a Educação Profissional**. 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/569740/2/10Estrat%C3%A9giasDid%C3%A1ticasParaaEduca%C3%A7%C3%A3oProfissional.pdf> >Acesso em: 25 de dez. de 2022.

FALVO, Silvia Rocha. **Avaliações Adaptadas**: os passos a serem seguidos. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349326047_Avaliacoes_Adaptadas_os_passos_a_serem_seguidos Acesso em: 07 de ago. de 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

KUENZER, Acácia Zeneida; Gabriel, Grabowski. **Educação Profissional**: desafios para a construção de um projeto para os que vivem do trabalho. Revista Perspectiva, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 297-318, jan/jun. 2006.

MOREIRA, Marco Antônio; MASINO, Elcie F. Salazano. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

NUNES, Camila Almada. LUSTOSA, Francisca Geny. **Educação inclusiva sob olhar de teóricos internacionais.** [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://proinclusao.ufc.br/wp-content/uploads/2020/05/site-pro-inclusao.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de, 1968- 4. ed. **Sociologia para jovens do século XXI: manual do professor** / Luiz Fernandes de Oliveira, Ricardo Cesar Rocha da Costa. - 4. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

RAMOS, Marise. **Concepção do ensino médio integrado.** Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará nos dias, v. 8, 2008.

SILVA, Aline Maira da. **Educação especial e inclusão escolar: história e fundamentos.** Curitiba: Ibpx, 2010.

SILVA, N.C. & CARVALHO, B.G.E. **Compreendendo o Processo de Inclusão Escolar no Brasil na Perspectiva dos Professores: uma Revisão Integrativa.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.23, n.2, p.293-308, Abr.-Jun., 2017.

SHIMAZAKI, Elsa. **Fundamentos da educação especial - 2015.** Disponível em: <<https://www.dialogosemeducao.especial.com.br/post/fundamentos-da-educa%C3%A7%C3%A3o-especial>> Acesso em: 13 jul. 2023.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ANEXOS

Quadro 2 - Componentes da Profissional e Formação Geral

	Formação Profissional – Agroecologia	Formação Profissional – Hospedagem	Formação Geral
1	Administração, Empreendedorismo e Extensão Rural	Desenho Técnico e Instalações Hoteleiras	Língua Portuguesa
2	Certificação e Processamento de Produtos Agroecológicos	Fundamentos do Turismo e da Hospitalidade	História
3	Culturas Regionais	Fundamentos da Administração	Geografia
4	Desenho Técnico	Teoria e Prática de Recepção e Reservas	Química
5	Etnobiologia e Plantas Medicinais	História Regional	Física
6	Fruticultura Agroecológica	Teoria e Prática de Alimentos & Bebidas	Biologia
7	Fundamentos da Ciência do Solo	Teoria e Prática de Eventos	Matemática
8	Gestão Organizacional e Segurança do Trabalho	Teoria e Prática de Governança	Artes
9	Informática	Geografia Regional	Sociologia
10	Introdução à Agroecologia	Gestão de Meios de Hospedagem	Língua Inglesa
11	Irrigação e Drenagem	Sustentabilidade e Gestão Ambiental em Hospedagem	Língua Espanhola
12	Manejo Agroecológico do Solo	Teoria e Prática de Lazer e Recreação	Filosofia
13	Manejo Fitossanitário	Psicologia Aplicada	Educação Física
14	Mecanização Agrícola	Informática Aplicada	
15	Olericultura Agroecológica	Saúde e Segurança do Trabalho	
16	Produção Animal Agroecológica		
17	Silvicultura e Sistemas Agroflorestais		
18	Silvicultura e Sistemas Agroflorestais		
19	Topografia e Instalações Rurais		

Fonte: a autora